



17

# *APONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

ISSN: 2183-0924

MAI 2023

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

# ***A**PONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

17

MAIO

2023

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

**Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Mai de 2023**

Volume: **17**

Capa: Intervenção na “casa” da Senhora da Alegria  
(Foto de Miguel Lago)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:

[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

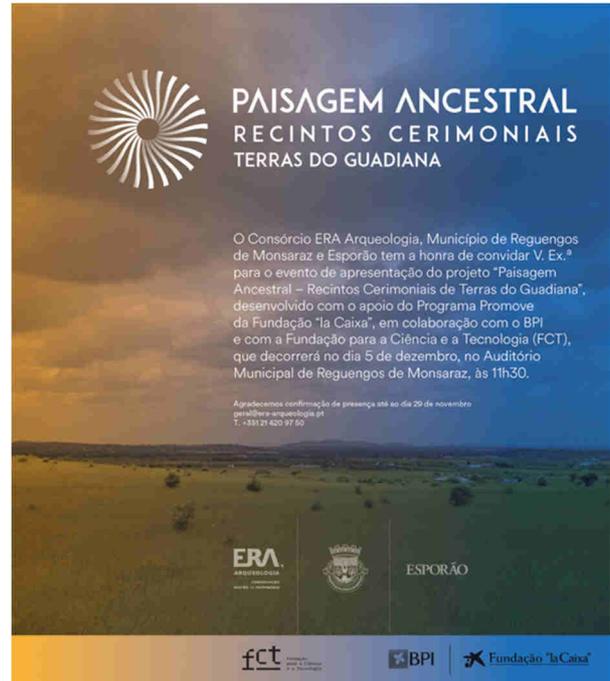
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07	Anabela Sá, Inês Mendes da Silva EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA .....	37
António Carlos Valera, Rui Ramos, Tiago do Pereira UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA (ALMALAGUÊS, COIMBRA) .....	09	Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Inês Mendes da Silva O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76. CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA (XI – XXI). .....	49
Ana Rosa RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO ÂMBITO DE UM PROJECTO DE MODIFICAÇÃO DE LINHA AÉREA NA HERDADE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, ÉVORA) .....	21	João Miguez, Filipe Santos Oliveira ANTÓNIO DA GAMA PEREIRA - UMA ANOTAÇÃO BIOGRÁFICA .....	57
Márquez-Romero, J.E.; Caro-Herrero, J.L., Suárez-Padilla, J.; Mata-Vivar, E.; Milesi-García, L.; Jiménez-Jáimez V.; Cuevas- Albadalejo, P.; Costa, C. ARCHAEOLOGICAL ACTIVITIES CARRIED OUT BY THE UNIVERSITY OF MALAGA (2008-2016) AT THE PERDIGÕES ARCHAEOLOGICAL COMPLEX (REGUENGOS DE MONSARAZ. PORTUGAL): FINAL CONSIDERATIONS .....	27	Pedro Abade, Sofia Nogueira, Lucy S. Evangelista, Camila Lacueva, Diana Dinis UM CEMITÉRIO MODERNO NA TRAVESSA DE SANTA QUITÉRIA, LISBOA .....	63
		Hugo Bernardo Barreiros O MITO, IMANÊNCIA DAS IMAGENS. (ÍDOLOS, PETRÓGLIFOS E SIMULACROS .....	75



## EDITORIAL

### Projecto Recintos Cerimoniais

*Património é hoje um agente social, cultural e económico fundamental para um desenvolvimento sustentável. No caso do património arqueológico, a relação com o turismo e indústrias criativas permite aumentar a oferta de programas culturais atractivos e diversificados, podendo ser um estímulo à complementaridade e às parcerias em rede, mediante a combinação de várias ofertas regionais. Uma lógica que é particularmente relevante nos territórios do interior, como alternativa ao modelo de sol e praia.*

*Mas sendo a cultura um factor competitivo cada vez mais importante, existe um vasto potencial desaproveitado no que respeita ao património arqueológico. No interior alentejano, os recintos de fossos pré-históricos são disso um exemplo gritante. Em grande medida desconhecidos do grande público, e sendo um património ameaçado pelos impactos negativos da crescente agricultura intensiva, constituem um conjunto patrimonial de grande relevância científica e cultural.*

*A sua activação social em rede com outras valências regionais é o objecto central de um novo projecto da ERA Arqueologia, em consórcio com o Esporão SA. e Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, e financiado pelo programa PROMOVE da Fundação La Caixa. Visa potenciar o significativo trabalho de inventariação e investigação que temos vindo a realizar na região sobre os recintos de fossos pré-históricos, utilizando como âncora regional o recinto dos Perdigões, recentemente classificado como Monumento Nacional.*

António Carlos Valera

# EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA

Anabela Sá<sup>1</sup>  
Inês Mendes da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Entre 2016 e 2018, decorreram os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da reabilitação do Palácio Vaz de Carvalho, tendo sido realizadas sondagens de diagnóstico, sondagens parietais e o acompanhamento arqueológico integral da obra. Os resultados obtidos permitiram quer a identificação de diferentes fases construtivas e de utilização deste edifício, quer um maior conhecimento sobre a ocupação da colina de Santana. Entre os contextos relevantes identificados, inclui-se um conjunto de estruturas relacionadas com a organização dos espaços de lazer neste palácio.

## Abstract:

### Evolution of the building in the Vaz de Carvalho palace: contribution of archeology.

Between 2016 and 2018, archaeological work was carried out within the scope of the rehabilitation of the Vaz de Carvalho palace, with diagnostic surveys, parietal surveys and full archaeological monitoring of the work being carried out. The results obtained allowed both the identification of different construction phases and use of this building, and a greater knowledge about the occupation of Santana Hill. Among the relevant contexts identified, there is a set of structures related to the organization of leisure spaces in this palace.

## 1. Introdução e contextualização histórica

O imóvel, conhecido como “Palácio Vaz de Carvalho” ou “Casa das Torrinhãs”, situa-se na colina de Santana, freguesia de Arroios, concelho de Lisboa. O lote encontra-se circunscrito por três arruamentos abarcando o Campo Mártires da Pátria nº 60 a 65, a Travessa José Vaz de Carvalho, 1 a 11; e Travessa das Recolhidas, 3 a 7.

Sítio de grandes tradições na vida cidadina por ser uma das zonas mais animadas da cidade, o local onde se situa o Palácio Vaz de Carvalho adquiriu a sua designação actual, Campo Mártires da Pátria, em edital de 11 de Julho de 1879, após aqui terem sido enforcados alguns dos heróis da conjura de 1817, liderada pelo General Gomes Freire de Andrade.

Os participantes deste movimento foram imediatamente julgados e condenados à morte, ainda que não fossem cumpridos todos os trâmites legais, pelo que, no ano de 1818, se ergueram neste Campo de Santana, as forcas a que iriam subir os patriotas que tinham conspirado contra a Regência e também contra o Marechal Beresford, Comandante do Exército Português.

Anteriormente este local era conhecido como Campo do Curral por ser local de venda e abate de gado. Fontes documentais salientam que o Matadouro do Campo do Curral, que seria mais tarde o de Campo de Santana, incomodava a vizinhança com o cheiro das rezes abatidas. Já D. Sebastião teria assinado uma provisão no sentido de melhorar o estado sanitário do local, pensando mesmo na transferência do curral.



Figura 1 – Localização em Carta Militar à escala 1/25000, folha 431.

<sup>1</sup> Era Arqueologia SA.:  
[anabelasa@era-arqueologia.pt](mailto:anabelasa@era-arqueologia.pt); [inesamelia@era-arqueologia.pt](mailto:inesamelia@era-arqueologia.pt)

Relativamente ao edifício propriamente dito sabe-se que terá sido construído no século XVII, no topo Norte do Campo Mártires da Pátria. A referência mais antiga data de 1661, onde é mencionado como integrando o morgadio instituído por Cecília Temudo e designado como *nobres casas das Torres do Campo do Curral da Cidade de Lisboa*.



Figura 2 – Localização do edifício na Planta Topographica de Lisboa 1780.

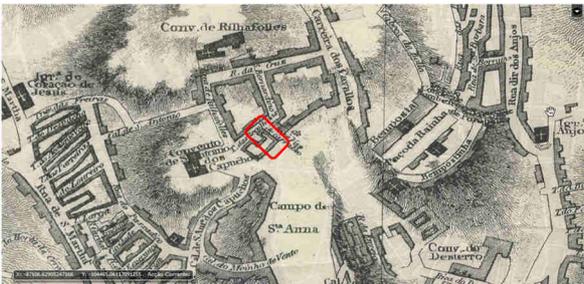


Figura 3 – Localização do edifício na planta de 1812 Duque Wellington.

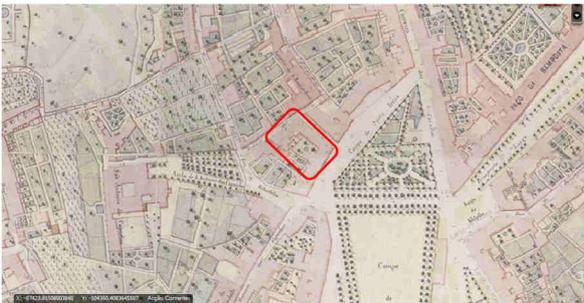


Figura 4 – Localização do edifício na planta de Filipe Folque (1856-1858).

Com base nas fontes históricas, sabe-se que conheceu grandes períodos de arrendamento entre a segunda metade do séc. XVII e os anos 30 do séc. XVIII, altura em que se torna propriedade, em definitivo, de José Vaz de Carvalho, que nele aplica elevadas quantias de dinheiro para realizar obras de monta com vista à recuperação do existente e melhoramentos diversos no edificado.

Tendo por base o Inventário de 1793, o edifício seria formado por diversas salas, que revelam uma construção de carácter palaciano, recriando a arquitectura nobre do século XV. É evidente o investimento do proprietário na remodelação e readaptação dos espaços interiores de forma funcional, caracterizando-se por uma residência nobre, mas de carácter campestre e servida por criadagem.

«(...) *huma cozinha com sua conserva agoa, e duas pias tudo pedra e seu forno de assados, sendo esta caza que serve de despensa, e mais huma caza com seu pozo de nora a Mourisca e na mesma rua huma caza de cavalharissa com suas mangedouras de pedra e sua pia para agoa, seguido a esta para o lado do sul huma cocheria e caza de carreyos com hum grande palheiro por sima e no pavimento da loge de entrar para o lado Nascente se contão onze cazas em entra salla de entrada sendo parte destas terra firme, e parte em sobrados com a frente para o Campo de Santa Ana, e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repucho e seus assentos e dous alegretes todos azolejados e no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances que dá serventia a huma caza que serve de armazém de azeite com seis talhas grandes emterradas em pedra e cal e sua pia grande que serve de salgadeira de pedra, e por sima destas suas cazas de sobrados com tres cazas sendo huma despensa, e duas de seleiros (...)*» (Inventário de 1793, citado por Estudo histórico “Casa das Torrinhas: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos).

Neste documento são mencionados áreas e pormenores, cuja descrição pode associar-se a estruturas arqueológicas específicas detectadas no âmbito da intervenção realizada no palácio.

A descrição revela-nos uma complexa organização habitacional e de serventia do espaço durante o século XVIII, sendo completada pelas evidências arqueológicas identificadas no subsolo, que se inserem entre os séculos XVII e XX.

Do ponto de vista arquitectónico, o edifício apresenta uma morfologia em formato de U irregular. O seu centro aloca um jardim arborizado. Relativamente à fachada principal, esta apresenta uma ornamentação simples para as características denominantes da sua génese construtiva:

*“sem arrebuques decorativos, com a excepção do pequeno toque diferenciador das grades simples das sacadas do andar nobre. Quanto ao resto – cunhais, cantarias das janelas e cimalha – é tudo pautado por uma simplicidade austera. Um pormenor parece indiciar alguma complexidade na construção. O andar intermédio, de janelas de peito, espécie de mezzanino, revela na leitura exterior um pé-direito bastante avantajado para aquilo que será referência na arquitectura civil mais tardia. Poderá colocar-se a hipótese de originalmente a casa ter somente um andar, com pé-direito enobrecedor, e que mais tarde tenha sido acrescentada em altura com o piso nobre de sacadas.”*

(Estudo histórico “Casa das Torrinhas: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos)

Outro pormenor arquitectónico interessante é a presença de uma chaminé de grandes dimensões (visível na fachada da Travessa das Recolhidas). Este detalhe é bastante incomum nas edificações palacianas lisboetas.

Pelo seu espaço de ocupação e cronologia conhecida, o Palácio Vaz de Carvalho poderá corresponder a um dos exemplares mais antigos de residências nobres erigidas no Campo do Curral.

A intervenção realizada neste espaço contou com 27 sondagens arqueológicas de diagnóstico, 9 sondagens parietais e o acompanhamento arqueológico integral da movimentação e escavação de terras efectuada no âmbito da obra, permitindo o registo de um conjunto de elementos antrópicos, de tipologia e cronologias variadas, relacionados com diferentes fases construtivas e de utilização do Palácio Vaz de Carvalho. Foi ainda possível o reconhecimento de contextos consistentes com uma ocupação anterior ao edificado moderno, relacionados, em particular, com o matadouro do séc. XVI e, ainda, com uma ocupação pré-histórica desta zona da cidade de Lisboa.

## 2. Os contextos arqueológicos anteriores à construção do palácio da época moderna

Entre os vestígios mais antigos, podemos destacar a presença de níveis e estruturas negativas antrópicas da pré-história recente que foram registados nas áreas correspondentes ao jardim e à cozinha do palácio.

As estruturas negativas encontravam-se colmatadas por depósitos coluvionares contendo abundantes inclusões de material lítico com indícios de talhe e, em muito menor quantidade, alguns fragmentos de cerâmica manual que, numa primeira análise, remetem para uma cronologia balizada entre o Neolítico Antigo e o Calcolítico.

A cerâmica associada a estas estruturas encontra-se erodida e muito fragmentada, não permitindo a reconstituição de formas. O espólio de origem lítica apresenta-se maioritariamente talhado sobre sílex embora também se tenham recolhido espécimes em quartzito e quartzo leitoso. No seu conjunto, os elementos estudados exemplificam as várias fases da cadeia-operatória indiciando o talhe da pedra no local.



Figura 5 – Estrutura Negativa na sondagem 9 [924].



Figura 6 – Pormenor do depósito [923] onde se verifica uma concentração de líticos em sílex (sondagem 9).



Figura 7 – Trabalhos de escavação de contextos da pré-história recente, na sondagem 14.

Antecedendo também a construção do edificado moderno, foram registados alguns contextos com vestígios de fauna, dispersos um pouco por toda a área do projecto.

Correspondem a níveis de aterro e de despejo que contém vestígios de fauna mamalógica: ossos e chifres de bóvidos. A sua formação estará, muito provavelmente, relacionada com a actividade de abate de animais no período em que nesta zona terá funcionado o matadouro do “Campo do Curral”. De facto, toda esta área deverá ter servido para o descarte dos subprodutos dos abates e desmancho dos animais.



Figura 8 – Fauna mamalógica detectada na U.E. 26013, durante a escavação da vala [26014].



Figura 9 – Pormenor da interface [18010], preenchida com restos de fauna.

### 3. O palácio em época moderna.

Os dados obtidos nas sondagens arqueológicas e parietais realizadas no edifício, assim como a observação, em fase de obra, da relação entre paredes do mesmo, permitiu o registo de algumas fases construtivas.

Os elementos analisados permitem perceber que, actualmente, área edificada é superior à área original, observando-se um claro desenvolvimento da construção na direcção do jardim Campos Mártires da Pátria, ao longo da Travessa José Vaz de Carvalho.

A observação parietal exterior permitiu verificar que o corpo original deste edifício se localizaria no cruzamento da Travessa das Recolhidas com a Travessa José Vaz de Carvalho, terminando onde hoje se encontra a porta de acesso neste último arruamento (Fase 1). Este foi, mais tarde, encostado por um segundo corpo a nascente: Fase 2.

Posteriormente, foi possível concluir que a ampliação correspondente à Fase 2, terá sido aumentada, sendo encostada por uma construção mais recente (Fase 3).



Figura 10 – Planta do edifício existente previamente à obra e seu faseamento construtivo.

No diagnóstico arqueológico já havia sido possível verificar, no interior do palácio, que esta habitação terminaria na área que designamos como fase 2, sendo possível observar na parede 1 uma porta e um arco entaipados. A porta encerrada seria a passagem entre o interior do edifício e o exterior. Esta evidência surge salientada na sondagem 19 onde foi observada a existência de um degrau em frente da porta, possivelmente para colmatar a diferença de cota entre os dois espaços.

Ainda nesta sala, foi possível observar que as Paredes 2 e 3 foram encostadas à Parede 1. Na ligação entre a Parede 1 e a Parede 2 foram assinalados vestígios do que seria um dos rebocos originais.

Com os dados disponíveis, não foi possível aferir se o arco que se encontra ao lado da porta supramencionada (parede 1) também faria a ligação para o exterior, no entanto, consideramos possível que o mesmo pudesse servir como portão de acesso para o interior do palácio. Este arco encontrava-se parcialmente entaipado e foi desmontado pela construção da parede do corredor (Parede 3), tendo dado lugar a um segundo arco que sustenta o tecto do mencionado corredor interno.

Esta observação, juntamente com os dados estratigráficos obtidos na sondagem 2-7, reforçou a evidência de que esta compartimentação, nomeadamente o corredor interior, foi construída em fase posterior, talvez até em período contemporâneo.



Figura 11 – (A) Aspecto da fachada exterior voltada à Travessa José Vaz de Carvalho (pormenor da zona a poente): contacto entre as fases 1 e 2 do edificado. (B) Aspecto da fachada voltada à Travessa José Vaz de Carvalho (pormenor do edifício a nascente): contacto entre as fases 2 e 3 do edificado. (C) Vistas gerais da parede 1, onde termina a Fase 2 (or NW). (D) Pormenor de reboco na ligação da Parede 1 com a Parede 2. (E) Pormenor de ligação entre duas paredes na Parede 4, vista do pátio.



Figura 12 – Pormenor de antigo vão entaipado e parcialmente desmontado, Parede 4.

Na zona do corredor externo, na Parede 4, registou-se igualmente a ligação entre as Fases 2 e 3 no corpo edificado. Em simultâneo com a nova construção, aparentam também ter sido efectuadas alterações no segmento da Parede 4, nomeadamente ao nível das zonas de passagem, sendo visível o encerramento e desmonte parcial de alguns vãos para a construção de novos.

Juntamente com estas evidências foi identificado, nas sondagens arqueológicas realizadas nesta sala e nas salas adjacentes, um piso em argamassa que apresenta uma inclinação no sentido descendente, consistente com declive existente na actual Travessa José Vaz de Carvalho.

Numa das salas a poente são também visíveis alterações construtivas que alteraram as zonas de circulação e passagem. Na Parede 5 é visível o encerramento do vão de uma porta, possivelmente consequência da construção da actual passagem no corredor, sendo ainda observável neste vão vestígios de azulejos de cantoneira, com decoração a azul sobre fundo branco, formando um friso. Estes azulejos são semelhantes aos que foram detectados no revestimento da estrutura [1147] e o caneiro [852], que faz a ligação à cisterna [857].

Com base nestes dados, é possível avançar com a hipótese de que os vãos originais do Palácio Vaz de Carvalho (janelas e portas) deveriam ter frisos decorativos em azulejo.

Na Parede 6, onde se localiza uma das actuais entradas do palácio, são também visíveis alterações construtivas. A porta de entrada sofreu alterações, tendo sido redimensionada no sentido de se reduzir a sua largura, encontrando-se parcialmente entaipada.



Figura 13 – Parede 5. Aspecto da mesma porta durante a fase de obra, aquando do seu reaproveitamento para o edifício a construir.



Figura 14 – Pormenor de porta de entrada na Parede 6.

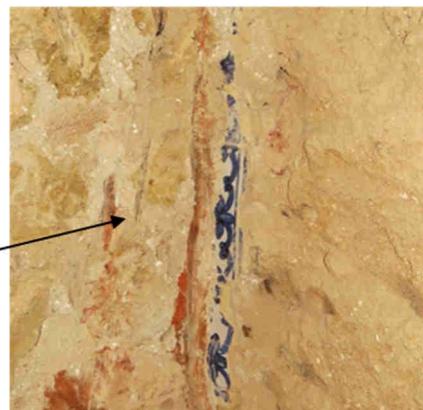


Figura 15 – Vão entaipado na Parede 5 e pormenor de revestimento e azulejo de cantoneira.

Relativamente à parede 7 que, tendo em conta o facto de se encontrar encostada à fachada do edifício voltada à Travessa Vaz de Carvalho (Parede 6), corresponde a uma outra alteração à arquitectura original do edifício.

Uma das implicações resultantes desta observação é que a área da sala de entrada foi reduzida, podendo colocar-se a hipótese de a escadaria nobre poder ser contemporânea desta modificação.

Na parte poente da parede 6 (que se encontra na área dos compartimentos criados pela construção da parede 7), foi possível registar uma enorme diversidade de alterações que perturbaram aquele que corresponde ao corpo mais antigo do edificado.

Com os dados disponíveis não é possível perceber se as transformações na sala de entrada serão, ou não, contemporâneas das ampliações observadas na zona sudeste do palácio (fases 2 e 3), podendo-se apenas supor que estas últimas terão certamente produzido algum tipo de remodelações na compartimentação do antigo edificado.



Figura 16 – Vista da Parede 7, voltada a nascente.



Figura 17 – Aspecto geral da parede 6, na zona a poente da parede 7.

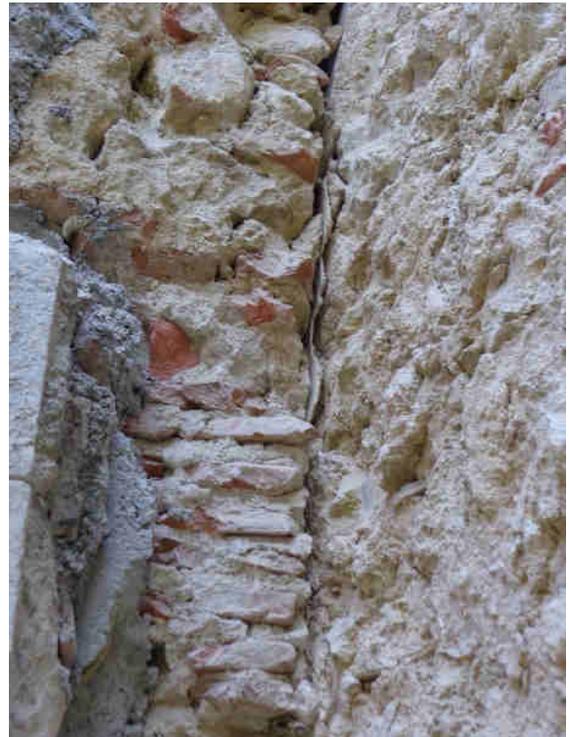


Figura 18 – Pormenor da ligação da Parede 6 (direita) com a Parede 7 (esquerda).

#### 4. Estruturas relacionadas com o jardim do palácio Vaz de Carvalho

Em fase de sondagens prévias foram identificadas estruturas de condução de águas, especialmente canalizações em grés ou caneiros em alvenaria e um poço.

Apesar da vasta área diagnosticada, as estruturas hidráulicas e de jardim mais importantes só foram detectadas no decurso do acompanhamento arqueológico: uma cisterna associada a um caneiro e uma estrutura de recepção de águas. A sua identificação veio contribuir para a confirmação da descrição histórica supramencionada (inventário de 1793).

O sistema de abastecimento de água centrava-se, em grande medida, num poço detectado na sondagem 12, referido na documentação como *“huma caza com seu pozo de nora a Mourisca”*, cuja intervenção revelou uma planta circular, com cerca de 3m de diâmetro e 5,5 m de profundidade. Estava directamente relacionado com condutas de escoamento em grés, protegidas com lajes de calcário, cuja implantação resultou na desactivação de alguns caneiros de alvenaria. O seu sistema de drenagem estava em conexão com um nível de pavimento composto por blocos/seixos de basalto, provavelmente contemporâneos entre si.

Posteriormente, foi possível identificar, em duas salas anexas situadas a nascente do poço e associadas a este, um conjunto de estruturas que deveriam estar ligadas às canalizações detectadas. Embora bastante destruídas, estas deveriam compor um conjunto de recepção de águas providas de canalizações em barro que, por estarem embutidas na parede, deveriam corresponder a captações de água dos pisos superior e telhados.



Figura 19 – Estrutura circular tipo Poço.



Figura 20 – Perspectiva Sul da área e das estruturas detectadas.



Figura 21 – Perspectiva da parede SE com uma estrutura tipo caneiro conduzindo água a partir da estrutura afunilada.

Este conjunto de realidades delimita uma estrutura semicircular afunilada, com fundo em plano inclinado, que receberia a água de caneiros, conduzindo-a para um canal.

Quer o referido canal quer a estrutura, eram revestidos por azulejos de cantoneira do século XVII, maioritariamente com pintura a azul, embora existissem exemplares com uma das

faces de cor branca. Em fase de desmonte, a recolha dos azulejos permitiu perceber que alguns raros exemplares tinham também pintura a azul e amarelo na face oculta.

Relativamente a esta solução de revestimento, colocaram-se duas hipóteses: ser de uso meramente decorativo ou servir de isolamento proporcionado pelo vidro. Concluiu-se mais tarde que seriam reaproveitamentos pouco dispendiosos pois, como referido anteriormente, este tipo de azulejo seria utilizado no remate dos cantos de portas ou janelas.

Entre as decorações observadas, existe uma predominância dos motivos vegetalistas/fitomórficos e encanastrados sendo, ainda assim, possível reconhecer “rendas” semicirculares. Este motivo poderia certamente enquadrar-se no grupo de decorações que reconhecidamente se inspiram em tecidos e que decoravam frequentemente os painéis dos altares tendo-se difundido enormemente, ao longo do século XVII, através da produção de loiça doméstica em faiança.



Figura 22 – Perspectiva da parede SE com uma estrutura tipo caneiro conduzindo água a partir da estrutura afunilada.



Figura 23 – Limpeza e escavação manual do caneiro [A814] que faz ligação à estrutura afunilada localizada no compartimento contíguo a este espaço.

No decurso da limpeza do patamar superior do logradouro foi possível o reconhecimento de estruturas que integrariam originalmente o jardim do Palácio Vaz de Carvalho.

A remoção dos depósitos superficiais com entulhos da obra expôs um conjunto coevo que permite tecer algumas considerações sobre a organização do espaço ajardinado e de lazer nesta área em particular. Foram identificadas umas escadas revestidas com azulejos atribuíveis ao séc. XVIII e uma estrutura hidráulica de condução de águas tipo caneiro, parcialmente destruída, que se encontrava associada à estrutura afunilada anteriormente descrita.

Este caneiro encontrava-se perturbado a sul, parcialmente destruído pela interface de um sistema de condução de águas formado por duas canalizações em grés e uma caixa construída com tijolo industrial.



Figura 24 – Parte SW da área do patamar superior do Logradouro.



Figura 25 – Muro [A802] integrando o caneiro [A803].

O próprio muro delimitador deste conjunto, integrava um canal que deveria conduzir águas pluviais até ao caneiro anteriormente referido.

Como elemento principal deste conjunto coevo, foram identificados dois lanços de escadas formando uma composição de simetria em V, referenciadas na documentação histórica previamente citada: “e no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances que dá serventia a huma caza”.

A interface desta escadaria cortava uma cisterna de armazenamento de águas, com cobertura abobadada, em falsa cúpula, de cronologia moderna. Tratava-se de uma estrutura em alvenaria argamassada construída com pedra toscamente aparelhada de natureza calcária, calco-arenítica e margosa, intercalada com algumas fiadas de tijolo, ligadas com argamassa de cal. A falsa cúpula era em alvenaria de tijolo ligado por argamassa.

No interior deste reservatório verificou-se a presença de nichos. Concluiu-se que, exceptuando o nicho A, nenhum dos outros apresentava continuidade em caneiro. Os nichos C e F correspondiam ao acesso a duas pequenas “salas” escavadas no substrato geológico margo-argiloso, enquanto os nichos com arco em tijolo E e D eram unicamente arcos de sustentação e de descarga para o peso da falsa cúpula.



Figura 26 – Planta da área do reservatório/cisterna [A857] e caneiro [A857], com ligação à estrutura afunilada.



Figura 27 – Planta da cisterna com localização dos nichos.

O caneiro que corresponde ao nicho A (U.E. A852) apresentava-se completamente revestido com azulejos de cantoneira pois corresponde à saída da estrutura afunilada na direcção da cisterna.

No registo documental histórico, surge-nos a seguinte afirmação: “, e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repuxo”. Com efeito, parece-nos que a cisterna corresponde, com exactidão a esta descrição, sendo um reservatório de água para o lago central e seu repuxo.

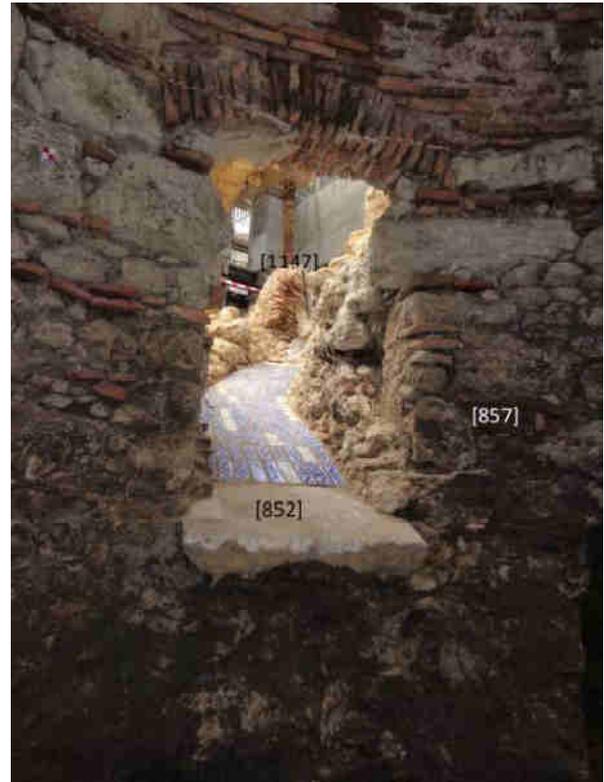


Figura 29 – Vista do caneiro [852] a partir cisterna.



Figura 28 – Vista do caneiro [A852] (nicho A) a partir do interior da estrutura afunilada.

## 5. Considerações finais

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do empreendimento de recuperação do Palácio Vaz de Carvalho contribuíram para o registo do seu faseamento construtivo.

Na sequência dos trabalhos realizados foram detectadas importantes estruturas hidráulicas e de jardim que se enquadram no período moderno (2ª metade ou finais do século XVII e século XVIII).

Algumas destas estruturas encontravam-se referenciadas em fontes documentais de finais do século XVIII. Embora desactivadas devido à dinâmica que gere as diferentes readaptações do espaço à medida das necessidades de cada período histórico, salienta-se a confirmação da existência de um “pozo de nora a Mourisca”, de uma série de estruturas hidráulicas onde se inclui uma cisterna e que corresponderiam à “conserva de agoa para repuxo” e do lago situado “no sentro seu jardim”, ainda que este sempre tenha estado visível.

Também aqui se inclui a presença de uma escadaria “*no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances*” que também se encontrava representada na cartografia histórica.

#### **BIBLIOGRAFIA GERAL**

REIS, H.; PEREIRO, T.; CABAÇO, N.; RAMOS, R.; VALERA, A. (2017) – *Novos dados sobre as ocupações neolíticas do centro de Lisboa*, *Arqueologia em Portugal. 2017 – estado da questão. Lisboa*. Associação dos Arqueólogos Portugueses:

#### **FONTES**

Estudo histórico “Casa das Torrinhãs: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos

SÁ, A.; TERESO, S.; BEATRIZ, M. (2019) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Palácio Vaz de Carvalho* (texto policop.), Cruz Quebrada, ERA Arqueologia.

#### **CARTOGRAFIA**

Carta Geológica de Portugal, folha 34-D, Escala 1/50.000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.

Carta Militar de Portugal, folha 431 Escala 1/25.000, Serviço Cartográfico do Exército.

#### **PÁGINAS DE INTERNET**

Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: <http://geo.patrimoniocultural.pt/>

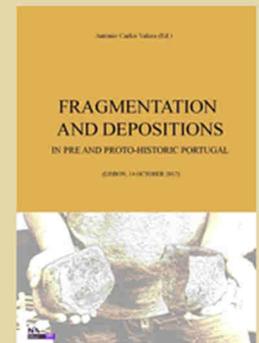
# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



## Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



## Publicação de workshops



## Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



## Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

